

caixa-paisagem

THAÏS HELT







Ministério da Cultura
e Instituto Unimed-BH
apresentam

11.03 a 10.05.26

Caixa-Paisagem

THAIS HELT

curadoria Marília Panitz



O Minas Tênis Clube tem a satisfação de receber, na Galeria de Arte do Centro Cultural Unimed-BH Minas, mais um recorte do que as artes visuais mineiras têm de melhor: a produção recente de Thaís Helt.

Sob curadoria de Marília Panitz, é apresentado um vasto conjunto de obras que expandem os limites da gravura tradicional, linguagem que marca a trajetória da artista mineira. Mais especificamente a partir da litografia, Thaís investiga novas possibilidades formais e espaciais, transformando papel, pedra, carvão e ouro em caixas-vitrines, relevos, livros-objeto e instalações que convidam o público a uma experiência sensorial e reflexiva.

Organizada em três zonas – Branca, Negra e de Cor – a exposição propõe uma travessia que articula gesto, matéria e memória. São provocações que se originam em paisagens interiores e exteriores, inventadas ou não. As obras, que evocam a tradição da Minas Gerais barroca, permitem que o público participe da criação de narrativas afetivas a partir de objetos e da ressignificação deles.

Ao receber **caixa-paisagem**, o Centro Cultural Unimed-BH Minas e o Minas Tênis Clube fortalecem seu compromisso com o fomento à arte e à cultura. Na busca por criar um espaço de encontro entre artistas, público e pensamento contemporâneo, nosso objetivo é contribuir para o dinamismo cultural da cidade e para o diálogo permanente entre tradição e inovação nas artes visuais.

Boa visita!

Carlos Henrique Martins Teixeira
presidente do Minas Tênis Clube

A obra de Thaís Helt se constrói no limiar. Entre o gesto e a matéria, entre a memória e a invenção, entre o plano e o volume. Em **caixa-paisagem**, o que vemos não é apenas uma reunião de trabalhos recentes, mas a consolidação de uma prática que, ao longo das décadas, expandiu radicalmente os limites da gravura no Brasil.

Com formação e trajetória profundamente vinculadas à litografia – e com papel decisivo na história da Oficina5, espaço fundamental para a experimentação gráfica em Minas Gerais – Thaís parte da pedra como matriz, mas jamais permanece nela. Seu trabalho tensiona continuamente a ideia de reprodução, multiplicidade e originalidade. A impressão não é fim; é começo. A artista intervém, dobra, recorta, sobrepõe, encapsula. O que era bidimensional ganha corpo. O que era matriz torna-se escultura. O que era suporte passa a ser espaço.

As caixas que estruturam esta mostra operam como dispositivos de pensamento. São vitrines, relicários, arquivos, paisagens em miniatura. Dentro delas, a artista articula fragmentos – papéis impressos, pedras, carvão, ouro, livros – criando sistemas poéticos que evocam tanto o gabinete de curiosidades quanto o altar profano. Há algo de museológico e, ao mesmo tempo, profundamente íntimo nesses arranjos. Cada caixa parece guardar um mundo e, ao mesmo tempo, expor sua própria construção.

Organizada em três zonas – Branca, Negra e de Cor – a exposição propõe uma experiência espacial e sensorial que se aproxima da ideia de travessia. O branco afirma a abstração e o gesto inaugural; o negro evoca a densidade mineral das montanhas mineiras e suas camadas históricas; a cor manifesta a memória reinventada, a narrativa que emerge dos objetos guardados e reencontrados.

Minas Gerais, aqui, não é apenas geografia: é estrutura. Pedra, ouro, carvão – materiais que atravessam a história econômica, colonial e simbólica do país – são reconfigurados em linguagem contemporânea. A artista transforma a litografia, técnica tradicionalmente associada à reprodução, em campo de experimentação escultórica e conceitual. Ao fazê-lo, reinscreve a gravura no debate atual sobre materialidade, memória e arquivo.

5

Há também uma dimensão performativa no gesto de Thaïs Helt. Seus desenhos, atravessados por traços largos e incisões douradas, sugerem movimento e interrupção – como se a linha dançasse e, subitamente, fosse convocada à consciência por um “X” que a ancora no real. É nesse equilíbrio entre liberdade e contenção que sua obra encontra sua potência.

Ao apresentar **caixa-paisagem**, o Instituto de Pesquisa e Promoção à Arte e Cultura – IPAC reafirma seu compromisso com práticas artísticas que articulam tradição e experimentação, memória e invenção. A mostra não apenas celebra uma trajetória singular; ela convida o público a habitar essas caixas como quem abre gavetas da própria experiência.

Porque, no fundo, cada paisagem aqui contida é também uma paisagem interior.

Daiana Castilho Dias
IPAC

caixa-paisagem [de memórias]

acazos, achados, destreza e experimentação... a prática da artista

Thaïs Helt é uma artista cujas raízes estão assentadas na gravura. Com um longo percurso poético, ela teve uma atuação definidora nos rumos da arte de Minas Gerais (e do Brasil) como criadora e gestora da Oficina5, por onde passaram inúmeros artistas brasileiros, em busca de experimentação no campo da litografia. Thaïs era a maestrina dessa “cozinha” da arte em que se constituiu o trabalho dos mestres impressores.

No seu percurso particular, em seu processo criativo, a artista desde cedo rompeu fronteiras que definiam a prática da imagem impressa. Por um lado, trabalhou o desenho e a pintura não só nas suas pedras-matrizes, como dispõe a técnica deste fazer, mas também no resultado da impressão, ou seja, sobre os papéis impressos de suas tiragens, que se tornavam obras únicas. Ganhou o espaço, primeiro com o relevo nas monotípias, ou nessas obras “para além” da gravura... ou da colagem, ou do desenho... Algo aí foi criando um corpo a partir da planaridade da litografia e ganhando caixas, onde se guardavam seus experimentos com a forma. Artista-coletora, ela também tem sua estante de muitas coleções mínimas, matérias-primas para suas peças... Existe certamente, em seu trabalho, uma tensão entre a figuração e o abstrato; entre a centralidade da forma e certo apelo aos nossos olhos que requisita uma costura de associações, determinando possíveis substituições de narrativas.

caixas de extraviados-guardados, caixas de inventos, caixas de projeção... paisagem

A mostra **caixa-paisagem** traça um percurso por trabalhos que Thaïs realizou nesta última década, cuja marca são suas caixas de coleta-relato. Digo isso em um sentido amplo. Elas são caixas vitrines. Sua transparência nos oferece largos-mundos em miniatura. Imagens que embora dentro do espaço restrito, descortinam horizontes (como

fazem as caixas, quando abertas). Neste volume delimitado pelas paredes de vidro, a artista compõe suas paisagens – interiores, exteriores, oníricas (abstrações e concretudes).

Organizada em uma semicronologia (na qual muitas licenças são cometidas) a mostra se debruça sobre um período que vai das mais recentes produções até à série *Quase um museu de objetos esquecidos – Não precisa me explicar. É por isso que vim até aqui*, concluída em 2015.

A exposição é organizada em três zonas (núcleos) que se interpenetram, pautadas pelo tempo e pela predominância da cor em cada experiência.

zona branca

Na poesia, os versos brancos andam ao lado dos versos livres. Juntos, dão -se a liberdade de não rimar e não manter a métrica. Sem limites preestabelecidos, entregam-se aos nossos olhos e ouvidos sem a advertência da regra. No branco do suporte que recebe as letras, as palavras dançam (uma subversão dos poetas modernistas). Operação similar é a que ocorre pelas mãos de Thaïs: sobre a pedra ou o papel, sob a regência do gesto da artista, tudo dança. Instabilidade para olhos que procuram se depositar sobre o já conhecido. Os brancos de Thaïs são talvez sua maior abstração. São a declaração de amor ao seu fazer. Aqui, a base está parcialmente nua e a sobreposição das imagens sobre ela não a esconde. As inscrições que a transformam, também a convidam para dançar.

Marília Panitz, 2026

O branco é abstração.

O início do percurso, primeira zona, é marcado pelo *branco* (da folha de papel, da pedra litográfica), onde se inscreve o universo inventado pela artista. Duas séries se cruzam, contaminam-se, tendo sido produzidas concomitantemente.

Uma delas é composta por parte dos grandes desenhos de *Enigma da Fuga*, em grafite e folha de ouro – sua dança sobre a superfície branca, subversão do plano que simula o espaço tridimensional pelo gesto que faz as linhas. Thaïs conta que estes são desenhos que falam de uma espera... A espera da cura, do tratamento do corpo, de suas cicatrizes e marcações de alvos (em tinta dourada).

A outra série, longa, é *Ouro Negro* (2017-2025), que concentra as obras com base clara (últimos experimentos) nessa zona. Apresentada sob a égide do branco, inicia-se por um conjunto de oito peças que dialoga com os desenhos – porque os gestos se inscrevem sobre a base – nesse caso, as superfícies levemente acinzentadas das pedras litográficas, que nelas abandonam o destino de instrumento e se incorporam à obra. Abridadas nas caixas de vidro, sustentam o desenho de um fazer apropriado da gravura que povoa suas superfícies externas, tornando-se volumes. Colocadas no centro da sala, as pedras inscritas subvertem sua função. Não mais matrizes para a multiplicação de formas: tornam-se obras únicas de uma grande litógrafa... multiartista.

Na grande caixa-quadro, sobre o papel e a pedra (litográfica), a mesma operação se dá: suas distintas naturezas se encontram para receber as inscrições e as respectivas superfícies criam relevos que se oferecem ao olhar.

Na série de pequenas vitrines de vidro, onde a transparência predomina, pequenos encaixes entre a pedra recoberta de folha de ouro e o carvão criam um ato escultórico de fino equilíbrio.

A seu lado, caixas-paisagens abstratas nas quais folhas de papel kozo litografado e desenhado são transformadas em volumes quase etéreos, em uma base/horizonte em ouro e carvão. Assim, a gravura expandida leva a história de sua fatura e sustenta sua história de suporte plano transformado em escultura.

O branco aqui é projeção quase onírica.

ZONA NEGRA

[...] Ela não quer ater-se a limites. Ao revés da condensação das imagens sobre imagens, Thaís Helt inicia, simultaneamente, o processo de descolamento de cada uma.

[...] Cor, forma, volume, movimento, vida, enigma. Que são essas formas criadas pela artista a partir da miríade de impressões litográficas e, em seguida, extraídas como matéria para uma instalação? Cosmo, caos, negrura, profundezas do universo? Nuvarrões, pássaros, tempestades, lavas vulcânicas, “névoa-nada”, nonada? Objetos delicados retirados da origem ou do fim? Todas as respostas terão a sua pertinência, pelo que ao espectador é ludicamente lícito partilhar e procurar no trabalho da artista aquilo que ela própria continuará a perseguir: o sentido da vida gravado a pedra numa folha de papel.

Angelo Oswaldo
(Mostra Ouro Negro, 2021)

O negro é a paisagem.

As montanhas de Minas e suas profundezas cintilantes.

Das experiências mais recentes, chega-se à zona *negra*, com obras que tiveram uma primeira exibição de seu conjunto (ainda em processo, àquela época) em Ouro Preto (2021). A mostra que levava o nome de *Ouro Negro* é revisitada, nessa zona, com suas caixas em preto (da tinta litográfica, das gravuras negras do ouro e da pedra-carvão) nos oferecendo construções que emulam as paisagens do garimpo. Transcendem os dados históricos: trazem outro tempo, entre o simbólico e o cronológico, que conta a história de uma terra rica em minério e de um horizonte recortado que se desfaz em consequência da especulação. Tempo que é da artista também, pois é aí que seus pés caminham, sobre tal terra.

As gravuras negras afirmam a prática ancestral incorporada ao fazer da artista, desde o início de seu percurso, como no de muitos de seus

pares gravadores, ao longo dos séculos. Mas seus papéis gravados são radicalmente experimentais, amassados, dobrados, plissados (à maneira de um panejamento, pois claramente estamos na ordem do barroco). Sobrepostos em várias camadas, são colagens que ensaiam o espaço tridimensional, já uma declaração de subversão da forma e da técnica.

Os papéis impressos podem surgir, em grande número, transformados em volumes guardados nas caixas-vitrines. Nelas, identificam-se inscrições como marcas brancas na pele escura do papel tingido. Tais volumes depositam-se em cima de uma base (uma sedimentação) de folhas de ouro amarfanhadas (também desfeitas de sua planaridade) ... que se acomodam sobre os pedaços de carvão – estes em sua forma natural, emprestada à terra. Quase uma metáfora geológica... ou arqueológica. As quinze peças, organizadas em bloco, provocam no olhar uma alternância entre a observação do conjunto e o mergulho nas características individuais, únicas (embora, em uma apreciação mais rápida e superficial elas pareçam as mesmas. Eis o segredo).

E aqui estão presentes os livros...muitos deles... (estes objetos-quase-fetiches que povoam a exposição e a obra de Thaïs). Às vezes, surgem organizados como em uma prateleira de bibliotecas inventadas, mantendo o tratamento da gravura e da relação pedra-papel-ouro-carvão; em outras, estão abertos oferecendo-se à leitura de suas texturas e segredos – livros que guardam objetos, livros-mistério e, às vezes, são volumes fechados com capas à mostra, travestidas em linha do horizonte.

Há, também, um conjunto que lembra certa pesquisa geológica das montanhas de Minas: as caixas de pedras, onde o valor e o brilho do raro (o ouro escondido na pedra) se apresentam em meio ao solo negro e pedregoso, sempre difícil de acessar.

Na entrada e na saída dessa zona de paisagem, duas grandes instalações de parede (quase a mesma) articulam o fundo dourado com um recobrimento de tule negro (tratado escultoricamente, à maneira dos papéis). São quase nuvens negras... entre sólidas e gasosas. Como não pensar na pintura de Fra Angelico ou em Giotto, especialmente na Cappela Scrovegni?

O negro se espalha na paisagem, marca um lugar no mapa do agora. Materialidade abstraída.

Paisagem.

zona de cor

[...] Todos os nossos guardados, nossas lembranças e recordações, nosso passado, nosso presente e nosso futuro. Tudo aflora diante de nossos olhos. Abrimos gavetas, reviramos caixas. Encontramos o elo perdido.

[...] Passeio pelo Jardim e ali estou eu, resguardado. Nada morto, nada inerte. As narrativas de histórias e acontecimentos são vivas. Elas ecoam em nosso pensamento e viajamos no tempo, não importa qual. É o poço em que caímos: o nosso subconsciente. É nesse momento que nos encontramos com nós mesmos e é ali, dentro daquela caixa de surpresas, daquela caixa de pandora, que passamos a nossa experiência epifânica de realização, no sentido de compreender a essência das coisas e de podermos dizer: I've just had an epiphany.

George Helt
(Mostra Códice, 2015)

A cor é a manifestação da memória (reinventada).

A terceira zona traz a *cor*, os objetos reencontrados e ressignificados – das coletas ainda sem objetivo (encontros com objetos) à composição de sentença movediça (tanto para aquela que produziu a obra quanto para o seu olhador). Tais objetos são todos passíveis de reconhecimento como achados da memória (de qualquer um); há uma profusão de combinações objetuais e semânticas. Uma possível história em cada caixa, muitas vidas (re)visitadas. Caixas que têm o estatuto de gavetas abertas e (des)ordenadas em uma nova frase. Variedade de frases que atravessam tempos, instantes e atualizam toda a experiência. Cerca de

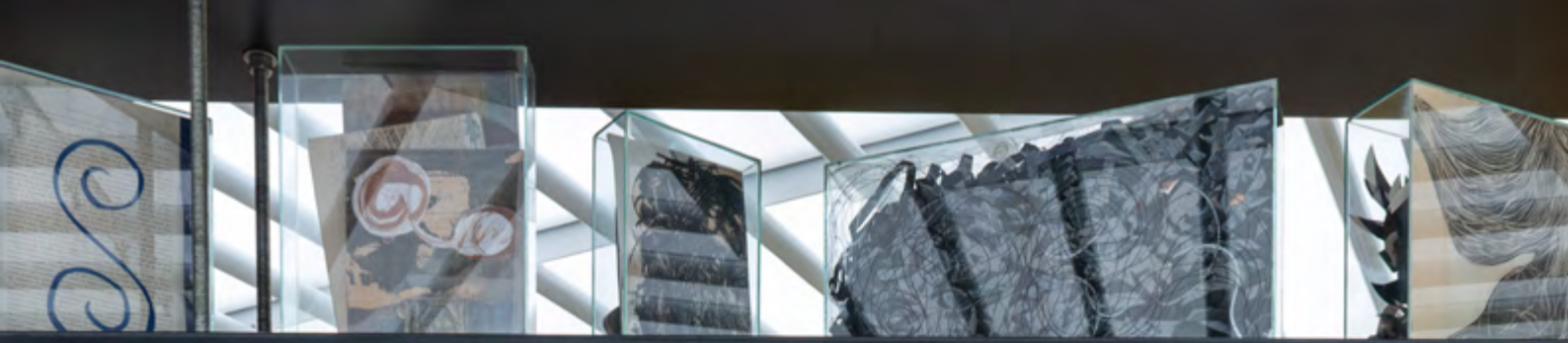
sessenta caixas da coleção da artista para serem vistas uma a uma, em todos os seus ângulos, ou em conjunto, o que faz com que o conteúdo-obra de uma contamine a outra e a outra, contando outra história. Diferentemente das demais, essa zona traz a concretude dos objetos achados, uma reunião de vestígios, certa emulação surreal. Mas se encontra aí, também, o aspecto da coleção, do testemunho da vivência. Resultado de um desvendar de antigos recipientes, armários e objetos perdidos, tais trabalhos nos fazem lembrar do jogo das associações fortes dos surrealistas e, por outro lado, de certos altares, muitas vezes profanos, da tradição do Brasil profundo. Objetos compostos desenvolvidos em longo tempo, elas formam a série *Quase um museu de objetos esquecidos – Não precisa me explicar. É por isso que vim até aqui*, exibida pela primeira vez em 2015.

Há uma presença recorrente dos livros, redobrando a aposta no estabelecimento de camadas narrativas passíveis de serem identificadas nessa troca de lembranças entre artista e olhador. Esse é o desafio e a ludicidade da obra. Cada um identifica o “seu” Museu.

As obras da zona de cor são distribuídas em um mobiliário que sugere o das bibliotecas. Ao lado da estante e da mesa que expõem as caixas-memória, desenhos que são a mais recente produção da artista inauguram uma série inédita ainda sem nome. Nestes, o gesto inscrito por Thaïs revela a cor em diálogo com o crayon preto... E as pontuações, o xis da realidade, reaparece. De certa forma, eles criam a circulação entre as zonas, já que a dança das formas fugazes nos desenhos com grafite sobre papel recebe cor. Cores que refletem o universo dos “objetos esquecidos” e encontrados pela poesia. A cor marca a catalogação de passados (lembrados ou inventados por nós. Afinal, memória muitas vezes é ficção).

Abstração. paisagem. memória.

Marília Panitz
Curadora da mostra



zona bianca

a
a
a
orte

a
er

co,
uenos
n

rição
o
só
arca
ta.

has;
de

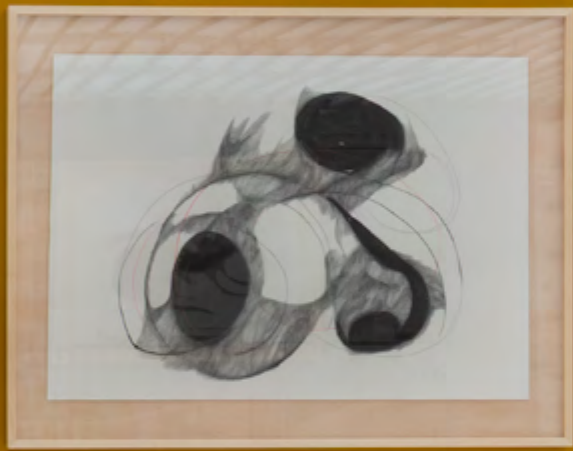










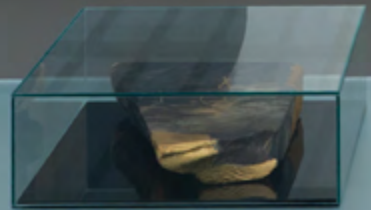


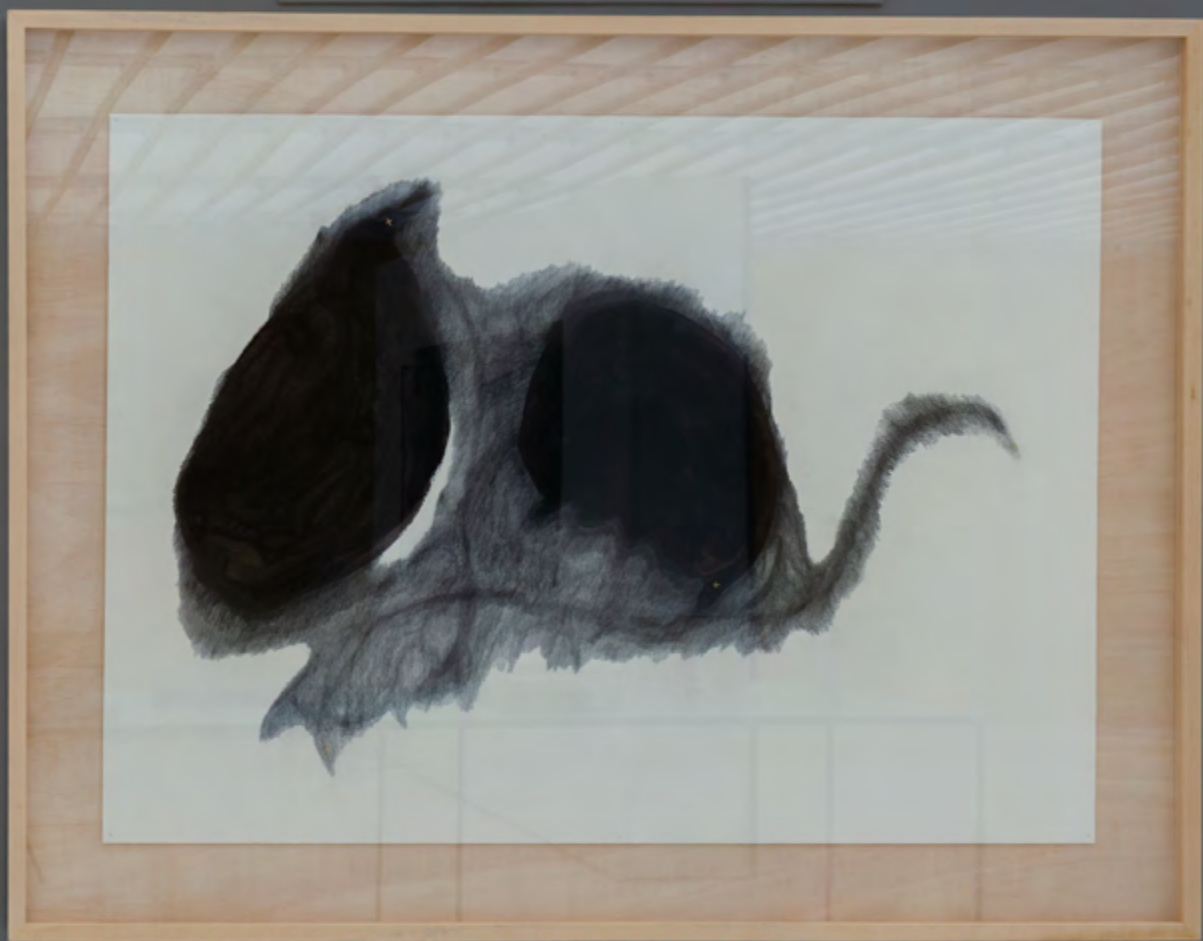




















zona negra

a gravura de thaïs helt

uma arte em ouro preto

Thaïs Helt é uma das mais importantes gravadoras brasileiras. Trata-se de uma evidência, apoiada na qualidade extraordinária de um trabalho que conduz o admirável domínio técnico a resultados artísticos ousados e impactantes. A artista desafia a experiência com a cor preta e a folha de ouro. Nessa operação criadora, a litografia se desdobra e se move, assim “o Sol como as estrelas”.

A superposição de impressões leva à compactação das formas no adensamento do negrume que vai formando a *noigandres* (invenção, segundo os poetas irmãos Campos). A ação é de tal modo intensa que extrapola a borda da superfície do suporte, revelando o embate entre a gravadora e seu campo de desempenho, que é a folha branca de papel Hahnemühle 320 gramas.

Ela não quer ater-se a limites. Ao revés da condensação das imagens sobre imagens, Thaïs Helt inicia, simultaneamente, o processo de descolamento de cada uma delas. Parece agora desejar libertá-las para a terceira dimensão, ao soltá-las no espaço e alçá-las em voo. Mais que as libertar para a tridimensionalidade, oferece-lhes o movimento.

O simples deslocamento de uma corrente de ar, seja apenas o sopro do espectador que contempla o turbilhão de fragmentos instalados numa caixa, faz com que estes se agitem em novas dobras tremulantes, à maneira das variações de uma nuviosa efusão. Enche-se de vida o claro-escuro por um instante ainda estático na penumbra.

Fios de ouro querem intervir e atravessar a massa de negridão acumulada sobre o papel, desvelando-lhe as surpresas deixadas pelas reimpressões e instigando o olhar talvez não acordado para aquilo que o *blackout* não consegue apagar. Um lagarto ancestral, íntimo da escuridão rupestre, chega a insinuar-se alguma vez, enquanto volutas de ouro percorrem linhas espiraladas por entre o negror profundo.

No entanto, a artista abole qualquer ensaio de figuração e persiste na fidelidade à invasão da folha de papel pela cor preta, assim como Kazimir Malevitch nela buscou a poesia do branco. Pinta com a gravura.

A lição de Amilcar de Castro afasta a figura com um gesto. Mas Thaïs Helt vai além de um Mark Rothko no mergulho no preto, à medida que lhe dá movimento e o vivifica.

O ouro apolíneo e o preto dionisíaco, pendularmente visitados pela mirada barroca, aguçam o drama do trabalho. O espanhol Zurbarán não pintou a escuridão rasgada por uma fagulha dourada? Celebra-se aqui o repto lúdico que contrapõe, com o que seria a não-cor tomada na plenitude de sua expressividade cromática, a estranheza de uma luz que somente desejaria insinuar-se na aparente opacidade da abstração absoluta. E a dobra é o movimento barroco mais genuíno.

Em estrutura de perfil de aço, fechada como caixa por tule preto quase imperceptível, as folhas impressas em papel japonês (cozo) são dobradas e costuradas com fio de ouro e atraem o espectador para seu mistério. Uma série especial de pequenas caixas de vidro abriga as dobraduras de impressões em *chiaro-oscuro* em papel japonês, sobre uma base de folhas de ouro amassadas. O efeito insólito desses objetos sintetiza o fascinante clima dramático de todo o conjunto de gravuras e instalações.

Cor, forma, volume, movimento, vida, enigma. Que são essas formas criadas pela artista a partir da miríade de impressões litográficas e, em seguida, extraídas como matéria para uma instalação? Cosmo, caos, negrura, profundezas do universo? Nuvarrões, pássaros, tempestades, lavas vulcânicas, “névoa-nada”, nonada? Objetos delicados retirados da origem ou do fim? Todas as respostas terão a sua pertinência, pelo que ao espectador é ludicamente lícito partilhar e procurar no trabalho da artista aquilo que ela própria continuará a perseguir: o sentido da vida gravado a pedra numa folha de papel.

Angelo Oswaldo de Araújo Santos





Копия негра

zona negra

[...] Ela não quer estar se a limites. Ao vez de condensação das imagens sobre imagens, Thais Holt vive, simultaneamente, o processo de descolamento de cada uma delas.

[...] Com forma, volume, movimento, vida, origem. Que são essas formas criadas pela artista a partir de memórias de impressões fotográficas e, em seguida, deturpadas como matéria para uma mutação? Como, cores, negrura, profundidade de umbral? Nuvens, passares, tempestades, luas solitárias, "velozes made", nuvens? Objeto delicado retirado da origem ou do fim? Todas as respostas terão a sua pertinência, pois que se estabelecer o equilíbrio entre a partir e a partir no trabalho da artista aqui que ela própria continuará a perseguir: o sentido da vida gravado e pedra numa folha de papel.

A gravura de Thais Holt - Uma arte em Ouro Preto
Angela Casaldó
(Mostra Zona Negra, 2010)

O negro e a paisagem.

As montanhas de Minas e suas profundezas cinzentas.

As obras simulam horizontes como arquetipo da terra, do entrecruzamento. Provocada pela expansão da gráfica litográfica, a zona Zona Negra - aqui organizada como memória da mostra homônima, realizada em Ouro

Preto, cidade epônima desta relação pedra papel e ardo-ouro - se apresenta em quatro conjuntos distribuídos nos espaços, destacando um ao outro.

As gravuras negras sobrepostas com várias camadas, como colagens que encenam o espaço tridimensional, já uma distinção de diversidade da forma e da técnica (trata-se de invenções técnicas).

As quinze caixas organizadas em bloco, que provocam no olhar uma alternância entre a observação do conjunto e as características individuais únicas.

Os livros, de vez em quando como estante de biblioteca invadida, as vezes se referenciam à leitura de suas texturas e sagrados e as vezes travestindo-se em linha do horizonte.

As caixas de pedras, onde o valor e o brilho do ouro apresentam-se em meio ao solo negro e pedregoso, sempre difícil de acessar.

Na entrada e na saída desta zona de paisagem, duas grandes instalações de pedras (uma a esquerda, outra a direita) dispostas como esculturas, a maré dos papéis. São quase nuvens negras, entre solistas e gemas.

Paisagem.



























zona negra

[...] Da não quer estar-se a limites. Ao nível da conjugação das imagens sobre imagens. Tudo flui para, simultaneamente, o processo de descolamento de cada uma delas.

[...] Cor, forma, volume, movimento, vida, origem. Que são essas formas criadas pelo artista a partir da matriz de impressões (gráficas e, em seguida, artísticas) como matéria para uma instalação? Como, caos, negura, profundezas do universo? Nuvens, pássaros, tempestades, luas vulcânicas, "trevo-mãe", monstros? Objetos delicados retratados da orgânica do fôfo fôfo às respostas talvez a que pertencem, pelo que ao espectador e julgadamente lido partilhar e procurar no trabalho de artista aquilo que ele próprio continuará a perseguir: o sentido de vida gravado a pedra numa folha de papel.

A gravura de Thais Ruiz - Uma arte em Ouro Preto
Angela Oswald
(Mestre Ouro Negro, 2021)

O negro é a paisagem.

As montanhas de Minas e suas profundezas cintilantes.

As obras emulam horizontes como arqueologia da terra, do enraizamento. Provocada pela expansão da prática litográfica, a série Ouro Negro - aqui organizada como memória da mocha homônima, realizada em Ouro

Preto, cidade epicentro desta relação pedra-papel-carvão-ouro - se apresenta em quatro conjuntos distribuídos nos espaços, contaminando um ao outro.

As gravuras negras sobrepostas com várias camadas, como colagens que anulam o espaço tridimensional, já uma declaração de subversão da forma e da técnica (trata-se de invenções técnicas).

As quinze caixas organizadas em bloco, que provocam no olhar uma alternância entre a observação do conjunto e as características individuais únicas.

Os livros, às vezes organizados como estante de bibliotecas inventadas, às vezes se oferecendo à altura de suas texturas e segredos e às vezes travessando-se em linha do horizonte.

As caixas de pedras, onde o valor e o brilho do mármore apresentam-se em meio ao solo negro e pedregoso, sempre difícil de acessar.

Na entrada e na saída desta zona de paisagem, duas grandes instalações de parede (grasse e meama) articulam o fundo dourado com um recobrimento de tule negro (tratado esculturamente, à maneira dos papéis). São quase nuvens negras... entre sólidas e gasosas.

Paisagem.













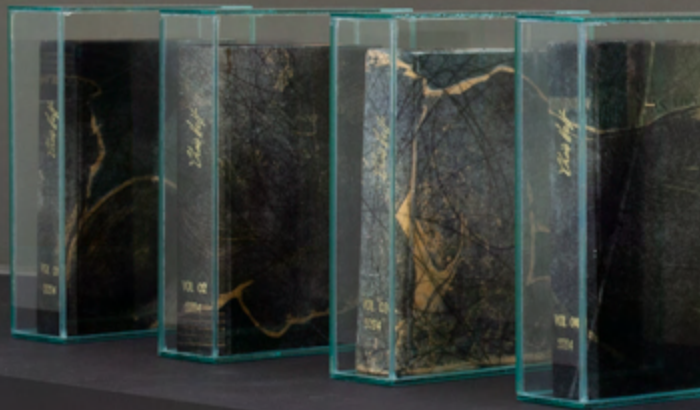














zona de cor

“(...) E das duas, uma: ou o poço era muito fundo ou então o tombo era muito devagar. Enquanto ia caindo, teve tempo até demais para olhar à volta e pensar no que estava para acontecer. Olhou para as paredes do poço e reparou que estavam cheias de armários e prateleiras com mapas e gravuras. Tirou de uma prateleira um pote em que estava escrito Compota de Laranja e que viu estar vazio. Tentou colocar em outra prateleira que passou ao lado. (...)”
LEWIS CARROL, AS AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

A partir de agora não temos formato próprio. Eu te darei toda a medida do meu corpo e cada dia será uma passagem para uma noite mais perfeita e um túnel mais iluminado e próximo. Saber achar a chave que abre o jardim onde penetro na perfeição das palavras... O sonho de Alice, o Jardim Proibido; o Jardim Fechado; o Jardim das Delícias; o Jardim do Éden. Uma imagem dentro de uma imagem, este é o País das Maravilhas: passando de uma porta a outra; de um túnel a um poço; de dez a duas polegadas a dois ou quatro metros.

Todos os nossos guardados, nossas lembranças e recordações, nosso passado, nosso presente e futuro. Tudo aflora e se abre diante de nossos olhos. Abrimos gavetas, reviramos caixas. Encontramos o elo perdido. Não são recordações; são memórias do presente, atuais. Cada momento, cada minuto nos reserva uma surpresa, como a caixa de doces ou o vidro com licor. Podemos crescer ou diminuir. Como acharmos melhor.

Passeio pelo Jardim e ali estou eu, resguardando. Nada morto, nada inerte. As narrativas de histórias e acontecimentos são vivas. Elas ecoam em nosso pensamento e viajamos no tempo, não importa qual. É o poço em que caímos: o nosso subconsciente. É nesse momento que nos encontramos com nós mesmos e é ali, dentro daquela caixa de surpresas, daquela caixa de pandora, que passamos a nossa experiência epifânica, de realização, no sentido de compreender a essência das coisas e de podermos dizer: *I've just had an epiphany.*

George Helt

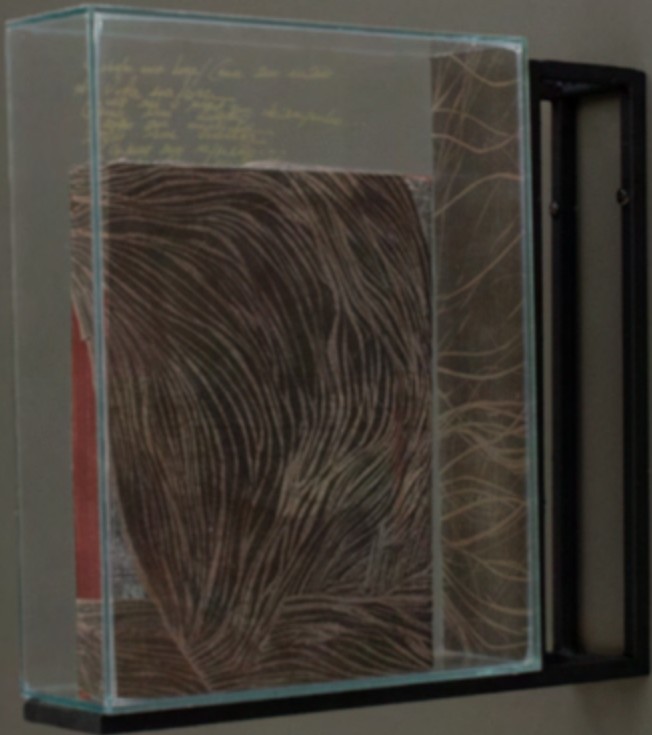


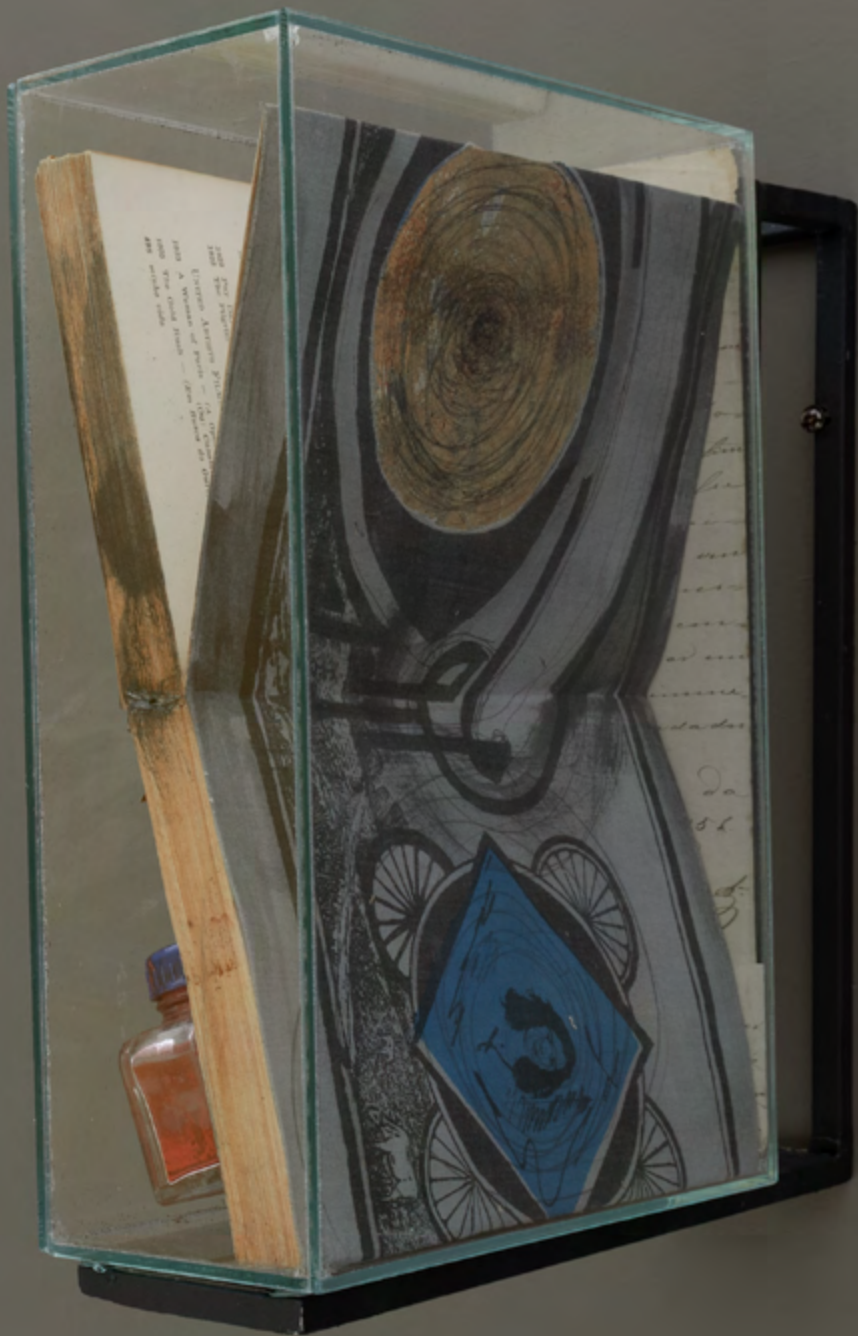
ZONA de COI

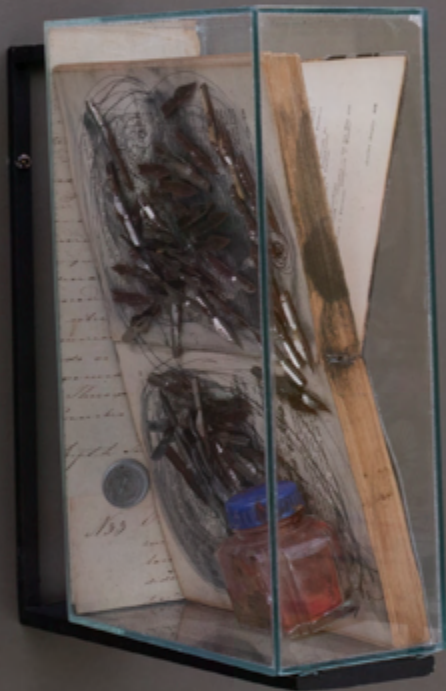


ZONA DE COR



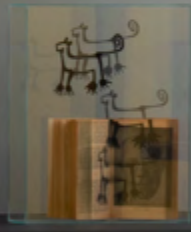






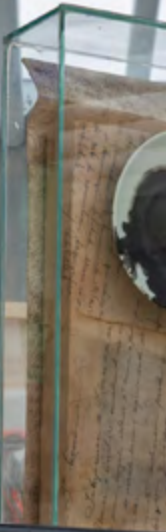


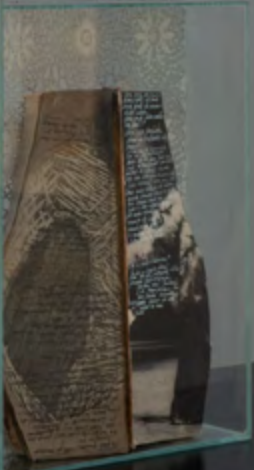








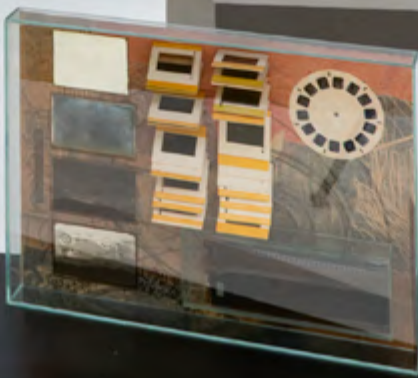
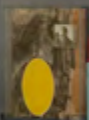


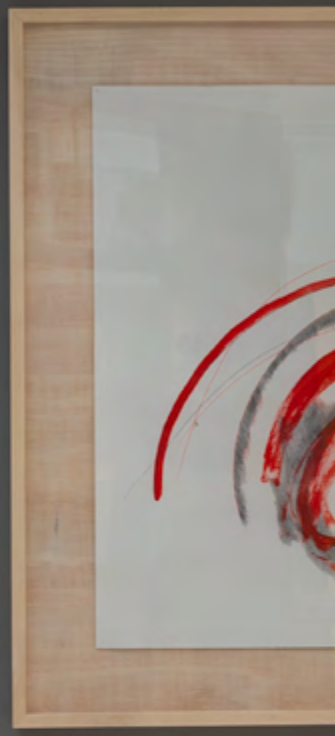


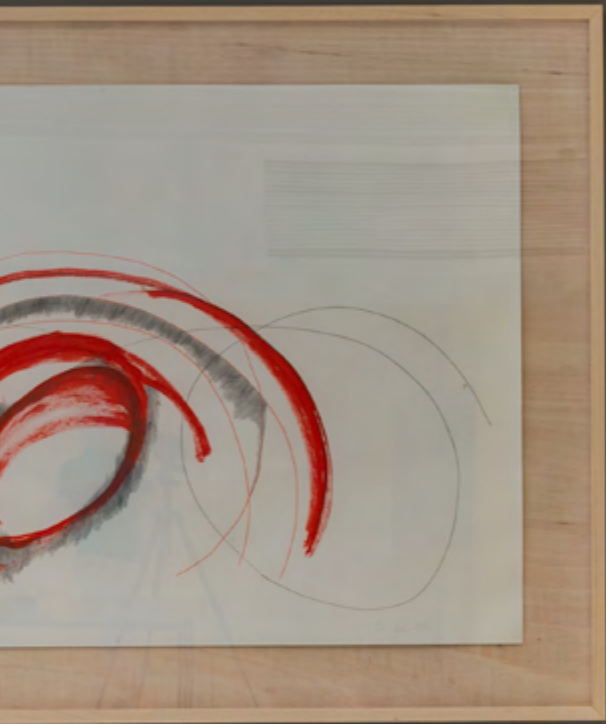












**exposição
caixa-paisagem
thaïs helt
minas tênis clube
belo horizonte - mg**

CENTRO CULTURAL
UNIMED-BH MINAS

Presidente

Carlos Henrique Martins Teixeira

Diretor de cultura

José Carlos Machado Vieira

Gerente de cultura

Wanderleia Magalhães

Coordenação Administrativa

Lorena Oliveira Correa

Coordenação Técnica

Guilherme Machado

Produção executiva

Samia Arantes

Assessoria de Imprensa

Maira Bueno - Comunicação
do Minas Tênis Clube

Patrocínio Master

INSTITUTO UNIMED-BH

Realização

MINISTÉRIO DA CULTURA
MINAS TÊNIS CLUBE

Concepção e Projeto

IPAC - Instituto de Pesquisa e
Promoção à Arte e Cultura

Coordenação-Geral

Daiana Castilho Dias

Curadoria

Marília Panitz

Produção Executiva

4Art Produções Culturais

Produção

Lidiana Gomes

Produção Local

Renato Morcatti

Assistência de Produção

Rozália Gonçalves

Julia Campos Dias

Isabela Vasconcelos

Coordenação de Museologia

Carlos Alexandre Madalena

Projeto Expográfico

Studio Tavares

Gero Tavares

Luiz Fernando Tombini

Iolanda Carvalho

Preparação Técnica das Obras

Allen Roscoe

Molduras

Atelier Baumecker

Montagem de Obras

Jaider Laerdson

Alessandro Lima

Heli Rodrigues Vieira

Preparação Técnica da

Galeria e Cenografia

Exatta Madeira e Arquitetura

Thur Pinturas

Programação Visual

Estúdio Rabanete

Clara do Prado

Estêvão Vieira

Fotografia

Vicente de Mello

Marketing Digital

Cruziá Comunicação -

Gestão de Redes Sociais

Moara Ribeiro

Revisão

Kuka Escosteguy

Tradução

João Henrique Faro Lopes

Transporte

Alves Tegam

Ademir Transportes e Mudanças

Seguro

Howden

Agradeço imensamente ao Allen Roscoe e à Letícia Helt, cujo suporte atento e comprometido foi decisivo em todas as etapas deste processo. Expresso minha profunda gratidão à Marília Panitz, pela escuta sensível e pelo olhar cuidadoso que ampliou os sentidos deste trabalho. Estendo meus agradecimentos, pelo apoio fundamental, à Viviane Martins, ao Renato Morcatti, Alexandre Madalena e Marco Túlio Resende.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Helt, Thaïs

Caixa-paisagem / Thaïs Helt ; curadoria Marília Panitz. -- Belo Horizonte, MG : Minas Tênis Clube, 2026.

ISBN 978-85-69860-17-4

1. Artes plásticas - Exposições - Catálogos
 2. Gravuras brasileiras 3. Instalações (Arte)
 4. Litografia 5. Brasileira I. Panitz, Marília.
- II. Título.

26-352472.0

CDD-709

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes plásticas : Exposições : Catálogos 709

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415





NÃO JOGUE ESTA
PEÇA GRÁFICA EM
VIAS PÚBLICAS



 **Lei Rouanet**

PATROCÍNIO MASTER



APRESENTAÇÃO

PATROCÍNIO



CONCEPÇÃO
E PROJETO

PRODUÇÃO
EXECUTIVA



APOIO



REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

